

PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE PESSOAS TRANSEXUAIS NA (RE)INVENÇÃO DE SI

INFORMATION PRACTICES OF TRANSGENDERS IN THE (RE)INVENTION OF THESELF

Flávia Virgínia Melo Pinto^a
Carlos Alberto Ávila Araújo^b

RESUMO

Objetivo: identificar as demandas de informação de pessoas transexuais no processo de construção de suas identidades, a partir do conflito com o gênero designado no nascimento, identificando as contradições e as barreiras enfrentadas por elas nesses processos, bem como as estratégias usadas para superar essas dificuldades. **Metodologia:** pesquisa qualitativa, a partir de um roteiro semiestruturado para guiar entrevistas sobre histórias de vida, de onde foram retiradas categorias de análise de práticas informacionais que foram discutidas a partir de conceitos da sociologia da prática de Pierre Bourdieu. **Resultados:** o sistema sexo/gênero, constituído historicamente, resulta em várias barreiras de acesso à informação por pessoas que vivenciam conflitos com gênero designado no nascimento. Essas pessoas acabam ocupando espaço heterodoxo do campo de gênero, produzindo e compartilhando informações sobre transexualidades na prática cotidiana. **Conclusões:** Pessoas transexuais acessam e compartilham informações na prática cotidiana, diante da precariedade dos serviços de educação e saúde em produzir e compartilhar conhecimentos sobre esse fenômeno. O conhecimento construído por mulheres e homens transexuais é efêmero, produzido por muitas mãos, e impacta a rigidez das classificações produzidas pela medicina, transformando-as.

Descritores: Práticas informacionais. Transexuais. Transgêneros. Sociologia da Prática.

^a Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bibliotecária da Prefeitura de Belo Horizonte (MG). E-mail: biblioflavia@gmail.com

^b Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: casalavila@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Pesquisadores do campo da Ciência da Informação têm se voltado cada vez mais para o debate sobre as relações de gênero e a sexualidade pela sua importância para os direitos humanos, uma vez que o preconceito contra a população lésbica, gay, bissexual, transexual, intersexual e demais expressões de sexualidade e gênero (LGBTI+) ultrapassa os limites da fala e se transforma em atos de violência física, podendo chegar ao assassinato. Nesse sentido, há trabalhos na área que têm abordado essa população no sentido de sua visibilidade e organização para efetivação de seus direitos.

A normatização de corpos-homens e corpos-mulheres, estruturada a partir da heteronormatividade, faz parte de um processo que se iniciou no século XIX, com a criação de uma nosologia das expressões de gênero e dos comportamentos sexuais que culminou com a invenção do dispositivo da transexualidade em meados do século XX. Com o desenvolvimento das tecnologias corporais como as cirurgias e a fabricação de hormônios, se abriu possibilidades de transformações dos corpos que passaram a ser apropriadas por discursos médicos sobre a correção de um erro da natureza. Patologizando, assim, todas as expressões de gênero que divergem da cisnormatividade. As expressões divergentes acabam marginalizadas, causando dúvidas e aflições entre as pessoas (BENTO, 2006; FOUCAULT, 1988; LAQUEUR, 2001). Por outro lado, essas pessoas passaram a se organizar, questionando a naturalização dos gêneros e impactando na produção de conhecimentos sobre esse fenômeno.

Nesse contexto, apresentamos um resumo dos resultados de pesquisa realizada entre os anos de 2016 e 2020 sobre as práticas informacionais de mulheres e homens transexuais durante seu processo de transição de gênero. Nas seções seguintes, serão apontados referencial teórico, objetivos da pesquisa, metodologia adotada bem como os resultados e conclusões.

2 A ADOÇÃO DE CONCEITOS DA SOCIOLOGIA DA PRÁTICA NA ANÁLISE DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Pilerot, Hammarfelt e Moring (2017), a partir de uma revisão de estudos de informação, em língua inglesa, orientados para a prática, observaram a existência de uma vertente multifacetada de estudos de práticas informacionais, com concepções teórico-metodológicas das Ciências Sociais. Eles apontaram a importância dessa variedade de concepções, indicando que não existe a tentativa de se constituir modelo único para análise das práticas informacionais, uma vez que cada contexto exigirá do pesquisador uma concepção teórico-metodológica bem fundamentada e delineada.

A abordagem de práticas informacionais pressupõe que os significados dos objetos só podem ser entendidos em relação a outros objetos, num contexto amplo, impossíveis de serem medidos diretamente por uso de metodologia quantitativa. Devemos pensar os fenômenos informacionais nas práticas sociais e não somente nas práticas informacionais, mesmo que a maioria das práticas cotidianas não sejam práticas informacionais pois a informação está presente em todas as atividades humanas, mas raramente é o centro de atenção das pessoas (COX, 2012). Savolainen (1995) observou a importância de se compreender o processo de necessidade, busca, uso e compartilhamento de informações a partir da teoria da prática, aliando a conformação sócio-cultural aos aspectos psicológicos dos indivíduos para analisar a relação deles com a percepção de problemas da vida cotidiana que exigiriam a busca por informações.

Araújo (2017) esclarece que o conceito de práticas informacionais se refere a uma abordagem teórico-metodológica desenvolvida por pesquisadores em busca da superação da dicotomia entre o subjetivismo e o objetivismo dos estudos sobre uso e usuários da informação. O objetivo é abarcar sujeitos e relações complexas que não são abordados pelos estudos de uso e de comportamento informacional, mas não substituir essa abordagem.

Nunes e Carneiro (2018) também retomaram o conceito de práticas informacionais, apoiando-se em Savolainen (1995; 2007) favor inserir referência e explicitando a contribuição do uso da abordagem bourdieusiana para a superação das lacunas tanto dos estudos tradicionais quanto dos estudos cognitivistas. Para os autores, as práticas informacionais dos sujeitos acontecem numa perspectiva ampla, sendo determinadas pela organização da sociedade e, ao mesmo tempo, pelas motivações, visões de mundo e gostos pessoais. Assim, as pesquisas deveriam considerar o contexto social, o cotidiano e as contradições existentes nas práticas informacionais dos sujeitos.

As informações que recebemos sobre o mundo, desde a infância, são gestadas em comunidade sob um modelamento social garantido pelas instituições como a família, a escola, os meios de comunicação, os sistemas médico e jurídico e a religião. Essas instituições validam informações sobre comportamentos, conforme as relações construídas num dado período histórico. No entanto, os sujeitos não recebem essas informações passivamente. Eles reproduzem concepções e modos de vidas, mas também os questionam e os transformam. A informação é um construto social, provido de valor ideológico, podendo ser apropriada de maneira paradoxal, reproduzindo ou questionando a ordem social. Nesse sentido, a sociologia da prática de Pierre Bourdieu nos oferece conceitos que podem nos ajudar a compreender as práticas informacionais dos sujeitos considerando o contexto e as contradições.

A pesquisa desenvolvida considerou os sujeitos posicionados em um determinado campo social, o campo de gênero, conforme definição de Bento (2006). Campo social é um conceito que Bourdieu (1983) desenvolveu para designar o espaço semiautônomo onde os agentes se posicionam e agem como se estivessem num jogo, no qual as regras são historicamente construídas e assimiladas pelas pessoas ao longo do seu processo de socialização. O desenvolvimento de um campo se dá ao longo de um processo histórico, a partir das relações entre as pessoas que vão determinando regras conforme se desenrolam os conflitos e a determinação de uma posição

hegemônica.

A posição de cada indivíduo é o resultado da interação entre o seu *habitus* e o lugar que ele ocupa no campo. O *habitus* é uma “estrutura estruturada” proveniente das experiências específicas de classe ou extrato social, vividas na socialização, principalmente durante a primeira infância, na família e em outros espaços frequentados pelo indivíduo (BOURDIEU, 1983). O *habitus* é o conjunto de informações que o indivíduo detém sobre a realidade, incluindo os gostos, maneiras de se vestir, de se comportar, visões de mundo, etc. O *habitus* é conformado a partir do acesso aos diversos capitais como capital social, econômico e cultural. Uma expressão chave usada por Bourdieu (1977, 1983) é “disposição” que propõe a ideia de estrutura e propensão ou inclinação a agir de determinada maneira.

Pode-se afirmar que no campo de gênero se situam os indivíduos que representam ou estão ligados a instituições como família, escola, autoridade em saúde, Igreja, o sistema legislativo e judiciário e os meios de comunicação, com suas explicações sobre comportamentos ideais conforme o gênero atribuído a uma pessoa. Assim que nasce, o indivíduo é classificado como homem ou mulher, dependendo de sua conformação anatômica. Informação que deve constar em documentos oficiais que atestam a sua existência. Nesse momento, as pessoas mais próximas já esperam daquele indivíduo determinadas formas de agir e de pensar, conformando sua educação a partir dessa concepção generificada.

Ao longo da História, conformou-se uma ideologia hegemônica que justifica e naturaliza as diferenças que a sociedade atribui a um comportamento ideal masculino ou feminino (BOURDIEU, 2002a). E é por meio da ação pedagógica, que é a “educação difusa que é exercida por todos os membros educados de uma formação social e educação familiar; educação institucionalizada que é realizada pelos professores ou outros profissionais de sistemas indiretos”, que contribui para a reprodução¹ das tradições culturais, ao

¹ Em entrevista concedida à Maria Andréa Loyola em 1999, trinta anos após a publicação da obra *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino* (BOURDIEU, PASSERON, 2008), Bourdieu afirmou que: “Continuo a pensar que o sistema de ensino contribui para conservar. Insisto sobre o contribui, o que é muito importante aqui. Não digo conserva, reproduz; digo contribui para conservar” (BOURDIEU, 2002b, p. 13-14).

conformar corpos e subjetividades dentro de determinadas regras já pré-estabelecidas e tidas como universais. A ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica, “uma forma de exercício de poder que impõe e legitima significações que dissimulam as relações de força que estruturam a própria violência e que contém em si a própria força que se expressa simbolicamente” (BOURDIEU; PASSERON, 2008, p. 27).

As práticas destoantes daquelas conformadas pelo *habitus* acabam sendo estudadas e classificadas pelas disciplinas científicas, como a medicina. É o caso das identidades de mulheres e homens transexuais que são reviradas e classificadas em compêndios médicos e disciplinadas pelas intervenções corretivas por meio de terapias ou cirurgias.

As pessoas transexuais, assim como outros sujeitos cujas práticas questionam as posições hegemônicas sobre gênero e sexualidade, se localizam no campo de gênero numa posição de heterodoxia. Essas pessoas questionam a naturalização de comportamentos que, na verdade, são definidos socialmente, o que as coloca numa posição de desenvolvimento de novos conhecimentos e novas regras nesse campo. Podemos exemplificar com a retirada da transexualidade do rol de distúrbios mentais da Classificação Internacional de Doenças (CID), que se deu como consequência da organização e visibilidade de pessoas transexuais (CIE-11, 2019). A visibilidade das identidades transexuais ampliou o debate sobre a possibilidade de várias feminilidades ou masculinidades, desvinculadas da anatomia dos corpos.

3 AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE TRANSEXUAIS NA REINVENÇÃO DO CORPO

As inquietações que motivaram o a pesquisa relatada neste artigo foram: quais foram as demandas, as estratégias de busca, as dificuldades encontradas, as formas de apropriação e compartilhamento de informações das pessoas transexuais, ao construírem concepções de si, durante o

processo de transição de gênero? Essas questões nos levaram a definir como objetivo geral da pesquisa identificar as demandas de informação de pessoas transexuais no processo de construção de suas identidades, a partir do conflito com o gênero designado no nascimento, identificando as contradições e as barreiras enfrentadas por elas nesses processos, bem como as estratégias usadas para superar essas dificuldades. Optamos pela pesquisa qualitativa, por entendermos que as práticas informacionais são intersubjetivas e acontecem de acordo com as condições dadas em determinado período histórico, conforme as relações constituídas entre grupos sociais.

Assim, a partir de um roteiro semiestruturado de questões, buscamos as histórias de vida de pessoas transexuais com idades entre 20 e 55 anos, conforme descrito no Quadro 1. Atribuímos nomes aleatórios para identificarmos os relatos. Foram contactadas 20 pessoas, das quais nove aceitaram participar da pesquisa. O contato com essas pessoas se deu a partir da técnica bola de neve (VINUTO, 2014), a partir do contato com um homem transexual que, na época, integrava o Coletivo Transvest², em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Quadro 1 – Identificação dos colaboradores da pesquisa

COLABORADORA/OR	IDADE	ESCOLARIDADE	IDADE INÍCIO TRANSIÇÃO	OCUPAÇÃO
Clarice	55	Ens. fundamental incompleto	12	Profissional do sexo
Natasha	50	Superior incompleto	34	Trabalhos eventuais
Leca	46	Ensino médio	16	Cabelereira
Apolo	39	Superior completo	25	Coordenador pedagógico e professor na biblioteca escolar
Marta	37	Ensino médio	12	Profissional do sexo e outros trabalhos eventuais
Gabriel	34	Superior completo	25	Professor de artes
Mila	28	Doutorado em andamento	24	Estudante de pós-graduação
Naldo	27	Superior incompleto	21	Estudante de graduação
Caio	20	Superior incompleto	20	Assistente de educação Estudante de graduação

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

² TransVest é um coletivo artístico-pedagógico de Belo Horizonte que objetiva auxiliar pessoas trans por meio da educação e de outros auxílios imediatos, com o apoio de voluntários.

Os relatos foram gravados e transcritos posteriormente. Utilizamos também um caderno de campo, onde anotamos nossas percepções e falas dos entrevistados que aconteceram em momentos em que a gravação era interrompida a pedido deles ou após a finalização do roteiro. Partimos dos fundamentos da hermenêutica-dialética para a análise do material coletado pelas entrevistas. O processo hermenêutico se dá durante a ordenação e classificação dos dados, quando realizamos uma leitura interpretativa do material em busca dos elementos que poderão responder às questões iniciais da pesquisa. Logo após, procedemos a uma classificação por temas e categorias, agrupando as falas e percebendo as diferenças e conexões entre elas (MINAYO, 2014).

Assim como verificaram outros pesquisadores (BENTO, 2006; TEIXEIRA, 2009; FREITAS, 2014), observamos que as transições de gênero são complexas e diversas, conforme são as experiências e expectativas das pessoas. As/os colaboradoras/es da pesquisa desenvolvida relataram práticas de questionamento do *habitus* de gênero e que não passam, necessariamente, por intervenções cirúrgicas. Elas e eles falaram sobre as possibilidades de se vivenciar as performances masculina ou feminina ou de não se encaixar numa definição específica. Contudo, quando essas alternativas se tornaram insuficientes, a transexualidade apareceu como uma possibilidade para essas pessoas, assim como Freitas (2014) observou em sua pesquisa com homens transexuais. Assim, a transexualidade “pode ser compreendida como uma forma de expressão da identidade pessoal, **multifacetada e dinâmica, na medida em que pode ser alterada ao longo da vida, em função das vivências individuais**” (BARBOZA, 2012, p. 1, grifos nossos) Para além das indumentárias, uso de acessórios, cortes de cabelo e procedimentos estéticos, as pessoas entrevistadas falaram sobre a necessidade das tecnologias médicas como a ingestão de hormônios e intervenções cirúrgicas para alcançarem um desenho corporal desejado. Percebemos que o maior problema para essas pessoas era a definição de caracteres secundários, que são aqueles mais perceptíveis socialmente como seios, barba, pelos, o formato do rosto e do nariz. Mais de um

entrevistado fez menção ao fato de que não é todo mundo que vê a genitália. Como somos “permanentemente constituídos por outros” (SAFFIOTI, 1992, p. 188), temos a necessidade deste reconhecimento que passa pela imagem e pelo comportamento.

Os corpos são lidos a partir de conceitos e classificações determinados socialmente. A leitura dos corpos é um poder simbólico, feita a partir das posições de quem olha e de quem é visto, a partir dos esquemas que devem ser reconhecidos por ambos. Nesse processo, as pessoas transexuais buscarão, de certa maneira, a adequação de seus corpos a esses esquemas em busca da passabilidade (BOURDIEU, 2002a)

O conceito passabilidade vem do termo inglês *passing*, usado para se referir ao fato de uma pessoa ser vista como parte de um grupo ou categoria identitária diferente daquela que ela é originária (GINSBERG, 1996). Num contexto de violência relacionada à transfobia, a busca pela passabilidade é a garantia de uma existência civil. Os entrevistados falaram sobre as sensações de insegurança e os constrangimentos vividos nos momentos em que não eram lidos socialmente como pessoas cisgêneros. Os participantes da pesquisa relataram as dificuldades encontradas para se informarem sobre conflitos com gênero designado no nascimento e o próprio fenômeno da transexualidade.

As desigualdades geradas pelo sistema sexo/gênero, somadas às desigualdades socioculturais, impactam no acesso, no compartilhamento e na utilização de informações e de serviços de informação. Há um aprofundamento das dificuldades de se produzir e acessar informações sobre fenômenos postos à margem do que é considerado como “normal” como a transexualidade. A pesquisa identificou barreiras psicológicas, cognitivas, sociais e institucionais enfrentadas pelos entrevistados. Savolainen (2015; 2016) já abordou sobre a existência dessas barreiras no processo de busca e uso de informações.

As barreiras psicológicas e sociais estão relacionadas ao receio das pessoas transexuais de questionarem outras pessoas sobre qualquer assunto relacionado à vivência de gênero. Receio de serem interpeladas sobre a sua

sexualidade, julgadas e excluídas dos grupos sociais. Uma vez que os papéis de gênero são bem definidos e naturalizados, questioná-los implica em estranhamento das pessoas do grupo social.

Identificamos como barreiras cognitivas o desconhecimento das terminologias como transexualidade, transgênero, homem transexual, que impactou no processo de busca de informações sobre a própria experiência. Silva (2019, p. 138) também averiguou que a “busca de informação sobre transexualidade foi impossibilitada pelo desconhecimento do termo, ou de termos ligados a este como ‘homem trans’, ‘travesti’, ‘transexual’”. Essa terminologia foi desenvolvida pela medicina ao longo do século XX, principalmente, a partir da década de 1950.

E as barreiras institucionais ao acesso à informação são consequência da ausência de políticas públicas ampliadas para as pessoas transexuais. Essas barreiras institucionais podem ser a ausência de materiais em serviços de informação ou o mal atendimento em outros tipos de serviços, públicos ou privados, em virtude da desinformação de um funcionário (SAVOLAINEN, 2016). Os colaboradores da pesquisa abordaram a dificuldade de acessarem informações sobre a transexualidade em serviços médicos públicos ou privados e ausência desse assunto nas escolas ou em materiais bibliográficos.

Estudos indicaram dificuldades das pessoas transexuais de acessarem aos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) (BENTO, 2006; 2012; ROMANO, 2008; ARÁN; MURTA; LIONÇO, 2009; RONCON *et al.*, 2016). As mais evidentes são o não uso do nome social, a transfobia, a falta de preparação e informação dos profissionais de saúde e a patologização das identidades de gênero transexuais “como promotor de seletividade nos serviços de saúde, obstruindo o acesso a muitas pessoas trans” (RONCON *et al.*, 2016, p. 2518).

Os colaboradores desta pesquisa relataram dificuldades para se consultarem com um profissional da saúde que soubesse conduzir suas demandas. Três entrevistados relataram que, quando precisaram de um laudo atestando disforia de gênero, geralmente cancelado pelo psiquiatra, tiveram

dificuldades em encontrar um profissional que tivesse conhecimento sobre o protocolo para a concessão desse laudo. A resolução relatada foi a apropriação de informações sobre emissão do laudo, por meio de buscas no Google e contatos em grupos de pessoas transexuais nas redes sociais. De posse dessas informações, os entrevistados negociaram com algum profissional, em consulta particular, para obterem o laudo.

A pesquisa de Freitas (2014) com homens transexuais evidenciou que o caminho percorrido por eles foi a busca por burlar o sistema, tendo em vista as dificuldades que encontraram para terem acompanhamento médico. Receitas de hormônio obtidas de maneira clandestina, apropriação de ferramentas como o editor de imagens *Adobe Photoshop* para reproduzir laudos e receitas foram estratégias usadas por homens transexuais num contexto de “morosidade, burocratização e ineficiência dos sistemas públicos e privados de saúde, que atrelam o acesso a certos procedimentos ao diagnóstico” (FREITAS, 2014, p. 45).

Identificamos que a apropriação de informações no início da transição de gênero, foi marcada pelo fenômeno cunhado por Mckenzie (2003) de *serendipity*³. Mckenzie (2003) chamou de *serendipity* o encontro de informações acidentalmente, em qualquer situação ou em qualquer lugar, quando o indivíduo se depara com outro numa situação parecida com aquela que lhe causou a demanda por informação. Para Araújo (2015), *serendipity* é “[...] encontrar determinados recursos informacionais relevantes sem estar procurando por eles”. Os entrevistados falaram sobre a importância dos contatos com outras pessoas transexuais face a face ou por meio das redes sociais. Esses contatos possibilitaram o reconhecimento deles naquelas pessoas. Podemos exemplificar com os relatos de dois homens transexuais que desejavam retirar os seios e só vieram a conhecer a transexualidade masculina quando se depararam, por acaso, com perfis nas redes sociais de homens transexuais que haviam realizado a mastectomia.

³ O *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English* (SERENDIPTY, 2010, p. 1385) define *serendipity* como “the fact of sth interesting or pleasant happening by chance” ou um fato interessante ou agradável que acontece por acaso (tradução nossa).

Assim como as pesquisadoras Pohjanen e Kortelainen (2016), identificamos a categoria “obtenção de informação por procuração (*by proxy*)” nas práticas informacionais dos colaboradores desta pesquisa, no início de sua transição, quando assumem sua identidade de gênero publicamente, gerando conflitos, mas, também, uma rede de solidariedade e de cuidado. Geralmente, as informações eram procuradas por outras pessoas transexuais que, depois, as repassavam para os entrevistados. Mackenzie (2003) definiu que as conexões por procuração ocorrem quando um agente realiza uma busca ativa de informações que podem ser úteis para uma outra pessoa. Ela identificou esse fenômeno entre os familiares e os amigos mais próximos de gestantes.

Podemos explicar a ocorrência dessa categoria no contexto das barreiras ao acesso à informação enfrentadas pelas pessoas transexuais que as levam a formarem uma rede de trocas de experiências. Essa rede foi amplificada com o acesso à internet. Savolainen (2016) apontou que a possibilidade de se criar e se compartilhar informações por meio das tecnologias de informação foi importante para a diminuição das barreiras informacionais resultantes dos tabus culturais, dos estigmas e das barreiras institucionais. Isso porque, além de garantir a reunião de um grande número de pessoas e de conteúdo, a *internet* pode garantir o anonimato, o que facilita o trânsito e o relacionamento, por exemplo, de pessoas transexuais.

Podemos observar, por exemplo, as diferentes maneiras que os entrevistados se apropriaram de informações que auxiliaram no processo de hormonização. Em todos os relatos, outras pessoas transexuais apareceram como principais fontes de informação sobre o tipo de hormônio, dosagem, frequência de uso e formas de aquisição. No entanto, as maneiras de acessar a essas pessoas variaram entre os homens e as mulheres. Como a transexualidade e a travestilidade femininas são fenômenos mais conhecidos, observamos que todas as mulheres transexuais tinham contatos pessoais com outras mulheres transexuais. No caso dos homens, o contato com outros homens transexuais se deu pelas redes sociais, principalmente por meio dos

relatos publicados no *Youtube* e no *Instagram*.

A disposição de diferentes capitais culturais influenciou na maneira como os entrevistados se relacionaram com as informações recebidas por contatos pessoais. Observamos que, entre os entrevistados que tiveram acesso ao ensino superior, havia um hábito de checagem das informações em artigos científicos acessados pelo *Google* ou em outros sites sobre hormonização. Para realizar essa comparação, é necessário que a pessoa disponha de habilidades para avaliar a fonte de informação como a origem, aspectos relacionados à autoria e qualidade dos dados disponíveis. “Competências comunicativas, culturais, educacionais e cognitivas são fundamentais para que os indivíduos contextualizem a informação e a utilizem – o que remete à velha questão das desigualdades sociais” (ALMEIDA, 2014, p. 195). Ao serem perguntados como verificavam a qualidade das informações que acessavam na *internet*, os entrevistados responderam que avaliavam se o site ou determinada informação é de responsabilidade de alguma instituição universitária, associação de profissionais da saúde ou de associação de mulheres ou homens trans.

Savolainen (1995, p. 267) abordou a influência dos capitais material, social e cultural do indivíduo como equipamentos básicos na busca e uso de informações. A disposição desses capitais possibilita ao indivíduo realizar suas escolhas a partir de várias fontes de informação. Contudo, não bastaria conhecer a disposição de capitais para analisar as práticas informacionais dos indivíduos. “[...] também é necessário ter em conta as características específicas da situação problemática, por exemplo, o repertório de fontes de informação disponíveis e a agudeza do problema”⁴ (SAVOLAINEN, 1995, p. 267, tradução nossa). Assim, o hábito ou possibilidade de checagem de informações também está relacionado com o período histórico em que essas pessoas iniciaram seu processo de transição de gênero, tendo em vista que a disseminação ampla de informações sobre a transexualidade é potencializada a partir dos anos 2000.

⁴ [...] is also necessary to take account of the specific features of the problem situation, for example, the repertoire of information sources available and the acuteness of the problem.

Os canais informais têm forte presença nas práticas informacionais. Entretanto, observamos que à medida que as pessoas transexuais vão desenvolvendo conhecimentos a partir de suas vivências, de certa maneira, elas vão transformando os canais informais. A formação de Organizações Não Governamentais (ONGs) e de grupos que compartilham informações a partir de pesquisas sobre os diversos aspectos das transições de gênero; violência; acesso à educação e ao mercado de trabalho, dentre outras temáticas, demonstram a consolidação de informações elaboradas a partir de estudos que dialogam com as práticas cotidianas das pessoas transexuais.

Nesse sentido, Jeanneret (2009, p. 32) relembra o debate entre De Certeau e Foucault, sobre o espaço que pode ser ocupado pelas pessoas oprimidas, marginalizadas:

Na discussão que teve com Foucault, De Certeau concordou com a importância dos aparatos que limitam nossas práticas; mas, ao invés de assimilar os aparatos a uma sujeição (“*assujettissement*”), ele queria tornar visível a criatividade das práticas sociais. O uso é como as pessoas que não tem o poder conseguem desenvolver seu próprio universo: o que o teórico da invenção da vida diária manifestou através de uma antítese entre estratégia, a força de pessoas fortes, e tática, a força de pessoas fracas, que aprenderam a jogar com limitações. Para ele, ler é apropriar-se, uma atividade que mostra a inteligência daqueles que lidam com a dominação a fim de inventar um espaço para sua manifestação.

E é nesse sentido que Bento (2006) também considera a capacidade de contestação, de reinvenção das categorias homem e mulher à medida em que as/os transexuais, além de mulheres cis e homossexuais, vão ocupando o campo de gênero com suas práticas, produzindo conhecimentos que questionam as normas que os subalternizam.

As tecnologias potencializaram o encontro dessas pessoas que, mesmo antes da ampliação do acesso às redes, tinham em outras/os transexuais o exemplo e a fonte de informações para as demandas geradas a partir do conflito com o gênero designado no nascimento. Os entrevistados relataram que a *internet* lhes possibilitou a vivência de uma identidade de gênero reprimida, de maneira anônima num primeiro momento, o encontro com outras pessoas transexuais, o compartilhamento de informações sobre a

transexualidade, intervenções corporais e outras demandas.

A *internet* amplia as possibilidades de relações entre as pessoas no tempo e no espaço, o que dinamiza o acesso a informações e outras experiências de masculinidades e feminilidades que impactam na construção de uma identidade de gênero que se dá, ao mesmo tempo, com o desenvolvimento de competências informacionais.

4 CONCLUSÃO

Na busca pelo reconhecimento de suas identidades, mulheres e homens transexuais vivenciam de maneiras diferentes e únicas suas transformações corporais. Os conflitos com o gênero designado geram demandas informacionais que não são resolvidas nem pelos familiares, nem durante o processo de escolarização e nem pelos profissionais de saúde. Foi na prática da vida cotidiana que as pessoas transexuais se depararam com informações que as ajudaram a traçarem os caminhos para a (re)construção de suas identidades de gênero. Acessando informações, nem sempre de maneira direcionada, além de também as produzir e compartilhar.

Para ultrapassarem as barreiras informacionais, identificamos que as pessoas entrevistadas se organizaram, criaram uma rede própria de acolhimento e compartilhamento de informações que garantisse as possibilidades de cada pessoa concretizar seus desejos. Há um espaço de conflito, que não se limita à produção de discursos, ocupado por essas pessoas que buscam direitos mínimos como o uso de um banheiro público sem constrangimentos, o reconhecimento de suas identidades e uma existência que não esteja cercada permanentemente de violência psicológica, física e institucional.

A hiperinteratividade nas práticas informacionais possibilita a horizontalização e a efemeridade da produção de saber em torno das concepções de gênero. O saber produzido e disseminado não é eterno e absoluto. É algo relacionado às práticas num determinado contexto. Essa é a marca da produção de concepções de gênero que se diferencia do saber médico que impõe uma norma estanque, pelo menos até a revisão e edição de

uma outra norma que se impõe válida para diferentes indivíduos em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p.191-214, maio/ago. 2014.
- ARÁN, M; MURTA, D; LIONÇO, T. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1141-1149, jul./ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v14n4/a15v14n4.pdf>. Acesso em: 25 maio 2020.
- ARAÚJO, C. A. A. Imaginação e sociabilidade: novos conceitos para o estudo de usuários da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. [**Anais...**] João Pessoa: ANCIB, 2015.
- ARAÚJO, C. A. A. O que são “práticas informacionais”? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, número especial, p. 217-236, out. 2017.
- BARBOZA, H. H. (2012). Proteção da autonomia reprodutiva dos transexuais. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 549-558. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104. Acesso em: 20 jun. 2021.
- BENTO, B. **A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO B. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 10, p. 2655-2664, 2012.
- BOURDIEU, P. Remarques provisoires sur la perception sociale du corps. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v. 14, p. 51-54, avril, 1977.
- BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.
- BOURDIEU, P. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002b.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CIE-11 para estadísticas de mortalidade y morbilidad. Versión 04/2019. [S.l.]: **OMS**, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/es#/http%3a%2f%2fid.who.int%2fcd%2fentity%2f411470068>. Acesso em: 17 jul. 2020.

COX, A. M. An exploration of the practice approach and its place in information science. **Journal of Information Science**, New York, v. 38, n. 2, p. 176-188, 2012.

DE CERTEAU, M. **L'invention du quotidien: Arts de faire**. Paris: Gallimard. 1990. v. 1.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREITAS, R. V. **Homens com T maiúsculo: processos de identificação e construção do corpo nas transmaculindades e a transversalidade da internet**. 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

GINSBERG, E. K. Introduction: The Politics of Passing. *In*: GINSBERG, E. K. (org.) **Passing and the Fictions of Identity**. Durham; London: Duke University Press, 1996. p. 1-18.

JEANNERET, Y. A relação entre mediação e uso no campo de pesquisa em informação e comunicação na França. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 25-34, set. 2009.

LAQUEUR, T. W. **Inventado o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MCKENZIE, P. J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, Bingley, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.

NUNES, J. V.; CARNEIRO, B. L. F. Dos estudos de usuários à noção de práticas informacionais. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 2, p. 150-168, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/134406>. Acesso em: 18 set. 2019.

PILEROT, O; HAMMARFELT, B; MORING, C. The many faces of practice theory in library and information studies. **Information Research**, [s.l.], v. 22, n. 1, mar. 2017. CoLIS paper 1602. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/22-1/colis/colis1602.html>. Acesso em: 01 maio 2020.

POHJANEN, A. M.; KORTELAINEN, A. M. Transgender information behaviour. **Journal of Documentation**, [S.l.], v. 72, n. 1, p. 172-190, 2016.

ROCON, P. C.; RODRIGUES, A.; ZAMBONI, J.; PEDRINI, M. D. Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 8, p. 2517-2526, 2016.

ROMANO, V. F. As Travestis no Programa Saúde da Família da Lapa. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, 2008, v. 17, n. 2, p. 211-219.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 183-215.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: approaching information seeking in the context of "way of life". **Library & Information Science Research**, Amsterdam, v. 17, n. 3, p. 259-294, 1995.

SAVOLAINEN, R. Information Behavior and Information Practice: Reviewing the "Umbrella Concepts" of Information-Seeking Studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77 n. 2, p. 109-132. 2007

SAVOLAINEN, R. Cognitive barriers to information seeking: A conceptual analysis. **Journal of Information Science**, [S.l.], v. 41, n. 5, p. 613-623, 2015.

SAVOLAINEN, R. Approaches to socio-cultural barriers to information seeking. **Library and Information Science Research**, [S.l.], v. 38, n. 1, p. 52-59, January, 2016.

SERENDIPITY. In: **OXFORD Advanced Learner's Dictionary of Current English**. 7 th. Oxford: Oxford University Press, 2010. p.1385.

SILVA, L. F. **Práticas informacionais: LGBTQI+ e empoderamento no Espaço LGBT**. 2019. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

TEIXEIRA, F. do B. **Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade**. 2009. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

TRANSVEST. **A educação transforma**. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/transvest/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.

INFORMATION PRACTICES OF TRANSGENDERS IN

THE (RE)INVENTION OF THESELF

ABSTRACT

Objective: to identify the information demands of transgender people in the process of building their identities, based on the conflict with the gender designated at birth, identifying the contradictions and barriers faced by them in these processes, as well as the strategies used to overcome these difficulties **Methodology:** qualitative research, based on a semi-structured script to guide interviews about life stories, from which categories of analysis of informational practices were taken, which were discussed based on concepts from Pierre Bourdieu's sociology of practice. **Results:** the sex/gender system, historically constituted, results in several barriers to accessing information for people who experience conflicts with the designated gender at birth. These people occupying a heterodox space in the "gender field", producing and sharing information about transsexualities in daily practice. **Conclusions:** Transgender people access and share information in daily practice, given the precariousness of education and health services in producing and sharing knowledge about this phenomenon. The knowledge constructed by transgender men and women is ephemeral, produced by many hands, and impacts the rigidity of classifications produced by medicine, transforming them.

Descriptors: Information Practices. Transsexual. Transgender. Sociology of Practice.

PRÁCTICAS INFORMATIVAS DE PERSONAS TRANSEXUALES EN LA (RE) INVENCIÓN DE SÍ MISMAS

RESUMEN

Objetivo: identificar las demandas de información de las personas trans en el proceso de construcción de sus identidades, a partir del conflicto con el género designado al nacer, identificando las contradicciones y barreras que enfrentan en estos procesos, así como las estrategias utilizadas para superarlas. **Metodología:** investigación cualitativa, basada en un guión semiestructurado para orientar entrevistas sobre historias de vida, de las cuales se tomaron categorías de análisis de prácticas informativas, las cuales fueron discutidas a partir de conceptos de la sociología de la práctica de Pierre Bourdieu. **Resultados:** el sistema de sexo / género, históricamente constituido, genera varias barreras de acceso a la información para las personas que experimentan conflictos con el género designado al nacer. Estas personas terminan ocupando un espacio heterodoxo en el campo de género, produciendo y compartiendo información sobre las transexualidades en la práctica diaria. **Conclusiones:** Las personas transexuales acceden y comparten información en la práctica diaria, dada la precariedad de los servicios de educación y salud para producir y compartir conocimientos sobre este tema. fenómeno. El conocimiento construido por hombres y mujeres transexuales es efímero, producido por muchas manos, e impacta la rigidez de las clasificaciones producidas por la medicina, transformándolas.

Descriptores: Prácticas de Información. Transexual. Transgénero. Sociología de la Práctica.

Recebido em: 20.09.2021

Aceito em: 25.04.2022